

O FUTEBOL NO BRASIL COMO SINÔNIMO DE ÊXITO NACIONAL? AS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA NAÇÃO NA OBRA DE NELSON RODRIGUES DOS ANOS 1950*

*Alexandre Pianelli Godoy***

Resumo

A partir das crônicas, dos textos teatrais e jornalísticos de Nelson Rodrigues, este artigo trata das relações entre o futebol no Brasil e as representações literárias da nação. Pretendo mostrar o modo como esse autor construiu representações literárias e apropriou-se de imagens identitárias da nação para interpretar como o futebol revelava, mais do que escondia, a precariedade, o fracasso de nos representarmos como uma “nação moderna”, o que está em constante diálogo intertextual em sua produção dos anos 1950.

Palavras-chave

Nelson Rodrigues; futebol; nacionalismo.

Abstract

From the chronicles, the theatrical and journalistic texts of Nelson Rodrigues, this article deals with relations between the football in Brazil and the literary representations of the nation. It features how this author appropriated literary representations of identity images of the nation to interpret how football revealed, rather than hiding, the insecurity, the failure to represent us as a “modern nation”, which is in constant intertextual dialogue in his production from the 1950`s.

Keywords

Nelson Rodrigues; Football; Nationalism.

É de longa data que o futebol vem sendo utilizado no Brasil pelos meios de comunicação, bem como para a sua visão disseminada no estrangeiro, como sinônimo de êxito do país como uma nação forte e coesa em contraposição às suas vicissitudes econômicas, sua instabilidade política e suas desigualdades sociais. No estrangeiro, tal imagem acabou reforçando mais o exotismo de nossa cultura, sobretudo quando associada ao carnaval, do que o êxito do país no cenário mundial, como se a habilidade no futebol e a alegria do carnaval fossem o oposto complementar diante da falta de organização de nossas instituições públicas e da pobreza que carcome a vida privada. Já em nossas paragens, é como se, por meio do futebol, conseguíssemos provar que, a despeito dos problemas que nos cercam, somos capazes ou tendentes a ser uma nação que um dia vingará no futuro. Essa imagem ou representação da nação ganhou força a partir do final dos anos 1950, especificamente em 1958, quando o Brasil se sagrou pela primeira vez campeão mundial na modalidade e parecia viver um clima de “redemocratização” – após a ditadura estalinista – reforçada por uma política de cunho “populista” que fazia crer que o povo (os sujeitos) e a nação (a cultura alicerçada pelo Estado) estavam definitivamente unidos em prol do “desenvolvimento moderno” que se desenhava de forma inexorável.²

Entretanto, no Brasil do início do século XX, embora o caráter “popular” do futebol já fosse atribuído por cronistas da época, sua posição era bastante ambígua para esses profissionais das letras impressas, ora representando o jogo como amálgama cultural, ora como desordem social.

Fosse como fosse, visto pelo alto ou pela base da hierarquia social, no centro ou na periferia, o futebol propiciava o embaralhamento das posições relativas, suscitava identificações desautorizadas, invadia espaços interditos e desafiava tanto o tempo do trabalho quanto o do lazer. Esse componente indisciplinado, essa pressão insurgente contra espaços e restrições discriminadoras, se incomodava alguns grupos, por outro lado atraía multidões. O adensamento físico e simbólico da sua presença e significados desencadeava por sua vez reações na direção inversa. Isso ocorria na medida em que, à popularidade arrebatadora do futebol e a sua concepção como representativo de um instinto puro e autêntico do povo, se acrescentava o atrativo dele ser visto como uma fonte genuína de identidade, oferecendo assim um refrescante refúgio para aqueles que respiravam uma atmosfera saturada de afetações cosmopolitas e maneirismos de salão. O futebol fornecia ademais uma alternativa de vitalidade e perspectivas de uma nova atitude física e mental, um sucedâneo, enfim, adequado tanto aos jovens e modernos desencantados com o colapso da velha Europa e sua cultura, quanto aos contingentes em turbilhão que a crise internacional e a metropolização precipitada privaram seja da sua cultura de raiz, seja de uma educação convencional.³

Nicolau Sevchenko, ao não se distanciar dos relatos de época, tende a acreditar nas representações do futebol como fenômeno precípua de massificação no início do século XX, quando nem mesmo nos anos 1950 havia se consolidado uma cultura de massa no

Brasil. Acreditar nas representações de uma época é omitir os fracassos do dia-a-dia. Embora a paixão pelo futebol fosse atribuída ao “povo”, a visão que prevalecia era a dos homens das letras: o futebol tornava-se a salvação para a “cultura brasileira”, seja como um encontro com a nossa “identidade miscigenada de origem”, seja como válvula de escape para o academicismo de elite. Na verdade, não havia “indisciplina” ou “embaralhamento das posições relativas”, tampouco a visão do futebol visto pela “base” ou “periferia”, a não ser pelo crivo desses cronistas de época, que pertenciam a uma elite cultural. Não é difícil imaginar que o futebol fosse jogado por diversas camadas sociais, mas o que talvez seja apressado concluir é que ele fosse de uma “popularidade arrematadora” a ponto de ser um sintoma da “metropolização precipitada” da cidade de São Paulo ou mesmo do Rio de Janeiro. Termos esses que o historiador deduz ser de uma época quando, em verdade, era de uma camada social que via sua época de determinada perspectiva, isto é, a dos homens das letras, que de uma forma ou de outra queriam a construção de uma nação moderna a partir de uma base comum em que todos pudessem ser inseridos no espaço público, à maneira da concepção liberal de sociedade, que seccionava abstratamente seus interesses individuais sob o nome de vida pública do espaço privado. O futebol era um bom meio de projetar um Estado-Nação moderno ou mesmo de explicar suas tentativas até então malogradas de sua construção no Brasil. Teria esse processo se concluído nos anos 1950? Essa é uma boa questão a ser respondida por meio das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues escritas no período.

Nos anos 1950, Nelson Rodrigues já era um antigo amante do futebol. Era “fluminense roxo” – como se diz na gíria futebolística – desde muito jovem.⁴ Mas o que levava um tricolor a chamar o seu clube do coração de “Timinho”? Talvez porque a percepção do autor extravasasse o sentido estritamente apaixonado do futebol dentro do gramado e se endereçasse para a vida, percebendo que o fracasso é constitutivo tanto da vitória quanto da derrota, ou melhor, em se tratando de Brasil, o fracasso é constitutivo de nossa experiência histórica enquanto coletividade, seja representado por um time de futebol, seja representado pelo “escrete” nacional. Ao contrário da interpretação dada por Sevcenko sobre futebol no início do século XX, para Nelson Rodrigues, o futebol ainda não conseguia traduzir nos anos 1950 a desorganização “moderna” das metrópoles, tampouco a organização “extática” das gentes num espaço urbano insurgente. Em uma crônica para o *Jornal dos Sports* em 29 de julho de 1959, comentava:

Ia começar a escrever, quando bate o telefone. Atendo: – era uma tricolor e digo mais: – nata e hereditária. Explica que nascera de pais tricolores e que, desde garotinha, aprendera a torcer pelo Fluminense. Ora, para mim, velho e eterno pó-de-arroz, foi um imenso deleite este diálogo com outra pó-de-arroz. Pendurados no telefone, conversamos uns bons quarenta minutos. Preliminarmente, a minha colega de paixão clubística

indaga: – ‘Sabe por que eu estou telefonando?’. Não, eu não sabia. Ela esclarece: – ‘Eu vinha pedir para você não chamar o Fluminense de timinho!’. Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor do que cair de um terceiro andar. Perplexo, pergunto: – ‘Mas qual é o drama?’. A tricolor vai explicando e eu vou entendendo. Ou por outra: – não vou entendendo. Ela acha que o diminutivo não fica bem num clube, que é um colosso, e que, na sua força, na sua grandeza, tem algo de monumental. O Fluminense seria ‘Timão’, jamais ‘Timinho’. [...] E no caso do Fluminense, o diminutivo nasceu quando? Precisamente, há oito anos, ou seja: – em 1951. Começávamos, naquela ocasião, com um time que parecia uma vergonha. Se virássemos esse time pelo avesso, se o vasculhássemos de alto a baixo, se o espreméssemos até a última gota, não encontraríamos, lá, um cobra. Talvez Castilho. O resto era uma garotada infrene. Tudo novo, tudo imaturo, tudo começando. O neutro olhava a escalação da equipe e concluía: – ‘São uns cabeças-de-bagre! Uns pernas-de-pau!’. Foi, então, que nasceu o diminutivo exato: – ‘Timinho!’. Amigos, poucos apelidos terão tido um êxito tão instantâneo. Imediatamente, todo mundo só viu o Fluminense como um irremediável ‘Timinho’. Era óbvia a relação entre o Fluminense de então e o apelido que lhe atarraxavam. Nunca se vira um time tão ‘Timinho’. Como nos crivavam de piadas! Toda a cidade riu de nós e com aparente razão. De fato, ninguém poria a mão no fogo pelo Tricolor e eu acrescento: – nem os próprios tricolores. O próprio Fluminense já se daria por muito satisfeito com um terceiro lugar; e teria admitido, até mesmo, um quarto ou quinto. Mas eu sempre digo, aqui, que o futebol é uma fábrica de surpresas e de ironias. O sujeito não dá um passo sem esbarrar numa surpresa; não dá outro, sem tropeçar numa ironia. Em 51, aquele time sem cobras, aquele time sem astro, aquele time que era, na verdade, um ‘Timinho’, começou a devorar, um a um, os seus adversários. Eu me lembro de um Vasco, de um Flamengo, de um Botafogo, de um Bangu. Atiraram-se contra o Tricolor e este os papava. No fim, ninguém entendia mais nada. E a torcida, que usava o diminutivo com uma ternura apiedada, a torcida enchia a boca ao apontar: – ‘Olha o Timinho!’ Resultado: – fomos campeões. E o apelido de ‘Timinho’ que, a princípio, parecia justo, de uma adequação perfeita, não era justo, nem adequado coisa nenhuma. O ‘Timinho’ era um Timão, era um Timaço. O diminutivo servira para despistar, para enganar. Hoje, o Fluminense está numa situação parecida com a de 1951, ao iniciar-se o campeonato. Reparem: – o Fluminense é o líder único e invicto. Mas ninguém acredita nele. Todo mundo acha que o Tricolor será ‘líder único e invicto’ por uma semana e nunca além de uma semana. Ao contrário do que pensa a minha colega de torcida, chegou o momento de repetir mil vezes, para a ilusão dos bobos: – ‘Timinho! Timinho! Timinho!’.⁵

Como se sabe, a imprensa é uma linguagem específica da cidade, já a crônica de jornal é um gênero dentro de uma cidade específica: a cidade moderna. Nesse sentido, para Davi Arriguci Júnior

[...] a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela aparece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínse-

co, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos do leitor atual, um teor de verdade íntima, humana, histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado.⁶

Mas ainda cabe indagar: qual é a especificidade “moderna” da crônica de futebol rodrigueana?

É o estilo teatral da crônica de futebol de Nelson Rodrigues que o permite jogar com representações antitéticas da realidade para construir um terceiro sentido ou representação liminar que dará um significado para além do conteúdo explícito do enunciado. Por isso, é uma crônica que se assume como linguagem e, nesse sentido, é esteticamente moderna. Todavia, isso não significa que seu objetivo seja o de confirmar ou reificar a modernidade na qual está imersa historicamente. Dito de outro modo, o cronista utiliza a linguagem para mostrar, inversamente, o fracasso de nos representarmos enquanto uma identidade forte e coesa na coletividade, sinônimo de uma “nação moderna”. Por um lado, temos o time de coração do cronista, que deveria ser visto coletivamente como um “Timão”. Por outro, temos o apelido “carinhoso”, íntimo, quase apiedado de “Timinho”. Para a torcedora, o diminutivo é uma desqualificação, pois ela acredita que essa visão referende uma imagem negativa sobre o seu time. Para o cronista, é uma forma de reconhecer que toda a representação é fracassada, principalmente aquelas que tratam da coletividade em nosso país, seja de um time, de um grupo ou de uma agremiação da qual se faça parte. O diminutivo “Timinho”, que deveria representar uma relação negativa, é subvertido, pois revela uma relação privada ou ainda íntima e positiva do torcedor com o seu clube. Por sua vez, o aumentativo “Timão”, que deveria representar uma relação pública e positiva do torcedor frente aos outros clubes, torna-se negativo ao não permitir o reconhecimento da trajetória do “Timinho” no campeonato que redundou na sua conquista. Sempre somos um “timinho” na vitória ou na derrota e só somos um “Timão” quando nos assumimos como um “timinho”. O fracasso torna-se sempre a representação liminar entre as representações negativas e positivas que se constroem sobre a coletividade. O jogo de representações promovido pela crônica rodrigueana não é meramente um jogo de palavras que pretende fazer inversões que choquem ou confundam os seus leitores, mas revela a sua ambiência histórica. Nelson Rodrigues questionava a aparência social ou o mundo de simulacros que nos faziam acreditar nos lugares que deveríamos ocupar na vida social, sobretudo quando estendido às representações do nacional. Portanto, o futebol nos

anos 1950 ainda não representava a desagregação “moderna” da cidade, pois nunca nos tornamos uma coletividade forte (um “Timão”) e nem a agregação desesperada das gentes ante um individualismo extremado, pois apenas nos organizamos como um “Timinho”. É evidente que há um embaralhamento do que se considera público e privado, a ponto de não nos reconhecermos como identidade coletiva.

O foco dos textos dramáticos e da produção jornalística de Nelson Rodrigues nos anos 1950 voltava-se para o fracasso não assumido do moderno no Brasil. No teatro, os conflitos são vivenciados pela família pequeno-burguesa ou de classe média baixa da Zona Norte do Rio de Janeiro, pois são elas as que mais tentam esconder os fracassos diários de não pertencermos a uma “nação moderna”. É desse substrato cultural que Nelson Rodrigues bebeu para construir os contos-crônicas de *A vida como ela é...*, que não só dão um tratamento literário-teatral às crônicas policiais como também expõem a precariedade da vida do próprio autor e da sua sociedade contra a unanimidade da política governamental que se pretendia moderna. Em suas memórias de 1967, Nelson Rodrigues relembra a crise em que viveu por ganhar pouco, conjuntamente com a campanha que fizeram contra Samuel Wainer, dono do jornal *Última hora*, que havia recebido do governo federal verbas para financiar a montagem do jornal. Todos os que nele trabalhavam sofreram execração pública, principalmente Nelson Rodrigues, com os seus polêmicos contos-crônicas:

E o certo é que *A vida como ela é...* foi um pretexto para exasperar a unanimidade. Os vizinhos que me viam chegar em casa, com um liquidificador debaixo do braço, olhavam para mim com escândalo e ira. ‘Lá vai o tarado’, deviam cochichar entre si. Eu podia abrir o embrulho e argumentar: – ‘Estão vendo esse liquidificador? É o meu salário’. No fundo, no fundo, eu achava o seguinte: – aquele liquidificador provava minha pureza, provava minha inocência. O sujeito que recebe, como remuneração profissional, uma panela, uma fruteira, é quase um São Francisco de Assis. [...] Uso muito nas minhas crônicas de esporte a imagem do pobre-diabo que se senta no meio-fio e começa a chorar. Eis o que eu queria dizer: – essa figura me ocorreu, era eu o Marmeladov de *Crime e castigo*. Vendo que a unanimidade também se voltava contra mim, e me chamava de ‘obsceno’, de ‘tarado’, sentia a vontade de me sentar no meio-fio para chorar lágrimas de esguicho.⁷

A imagem do “pobre-diabo” é ao mesmo tempo a do dramaturgo sobre si mesmo, das suas personagens e, principalmente, daquela sociedade que tentava esconder sua precariedade. A “unanimidade” social exigia a moralização da “coisa” pública por meio da denúncia do favorecimento do governo para a montagem do jornal *Última hora*. Para os opositores de Samuel Wainer e Getúlio Vargas, tal “imoralidade” refletia-se no conteúdo do diário. Nelson Rodrigues foi presa fácil:

Carlos Lacerda teve a paciência de selecionar trechos de um mês da minha coluna. Como uma pinça, catava uma frase ou um episódio e o isolava de seu ambiente e de sua justificação psicológica e dramática. O destaque feito valorizava o extrato ao infinito. E, além do mais, ele criava suspense, inflexionava, representava. No fim, até um bom-dia ficava obscuro. [...] Lembro-me de uma fala que ele selecionou para a antologia de *A vida como ela é...* Certo personagem dizia o seguinte: – ‘Amor entre homem e mulher é uma grossa bandalheira’. A coisa dita assim, em tom de ópera, sem uma motivação lógica, causou o maior efeito na Câmara dos Deputados. Segundo me disseram, o então deputado Antônio Balbino teve um esgar de nojo supremo; e outros congressistas abriram os braços para o lustre, num mudo escândalo desolado.⁸

Sem dúvida, as memórias do dramaturgo não estão isentas de teatralidade, mas, antes de serem consideradas como a explicação definitiva sobre a obra legitimada pelo próprio autor, elas fazem parte do seu conjunto. Dessa forma, o jogo entre a indignação dos deputados e a situação do jornal no cenário político (público) pode coexistir em tensão no texto memorialístico com as histórias que envolvem a coluna de *A vida como ela é...* e a precariedade da vida do autor por receber como salário utensílios e eletrodomésticos (privado). É uma forma de expor como aquela sociedade, ao viver de aparências sob um moralismo tacanho, também deixava ver o fracasso de seus ideais de modernidade. Ao expor que grande parte da sociedade vivia a confusão entre o público e o privado, mas não assumiam tal invasão, todos se transformavam em “camadas médias” pela ótica de Nelson Rodrigues, tornando-as “o teto da nossa ficção”.⁹ A frase, carregada de exagero próprio de um dramaturgo, não deixa de captar como esses setores atingiram uma grande importância na hierarquia das sociedades mais urbanizadas do Brasil, perceptível em revistas como *O cruzeiro* e o jornal *Última hora* do Rio de Janeiro nos anos 1950. O jornal *Última hora* dedicava uma coluna chamada “Luzes da cidade” para registrar os “acontecimentos sociais” nos bairros da Zona Norte carioca, que se concentravam em clubes e agremiações esportivas:

HASTEAMENTO da bandeira do clube pelos atletas. E muito mais oferecerá o Grajaú, no dia festivo de amanhã. As 21 horas, em comemoração ao 21o aniversário do clube, teremos um coquetel seguido de Hora de arte.¹⁰

ASSOCIAÇÃO Atlética do Méier, que comemora o seu 6 ° aniversário de fundação, realizará, depois de amanhã a sua festa. Será prestada uma homenagem a LUZES NA CIDADE.¹¹

Ou então, dedicava-se a noticiar bailes, festas, formaturas, coquetéis e aniversários de “ilustres desconhecidas” dessas regiões da cidade:

ANIVERSARIA depois de amanhã, a Sra. Amália de Castro, esposa do nosso caríssimo amigo Rob, técnico de basquete do América F. C., Amália e Rob receberão para um coquetel.¹²

MARIA Aparecida Medice, filha do casal Nerino Medice, aniversaria amanhã. A família reside à Rua Vitor Bengo, em Nilópolis. A aniversariante receberá para um coquetel.¹³

Era uma tentativa de imitar o colonismo social das elites. O dono do jornal, Samuel Wainer, relembra em suas memórias como nasceu a coluna *Luzes da cidade*:

Tanto Jacinto de Thormes, responsável pela seção 'Na hora H', quando Carlos de Laet, nosso colunista social, publicavam notícias sobre o *jet set*. Alguns mitos da alta sociedade carioca surgiram ali: foi Jacinto, por exemplo, quem apelidou Didu e Teresa de Sousa Campos de 'casal 20'. Mas um dos grandes achados da *Última Hora* foi descobrir que a Zona Norte existia, e que também ali havia, embora menos brilhante que a Zona Sul, vida social. [...] Naquele ano, por coincidência, uma jovem de Vila Izabel, Leda Rahl, fora eleita Miss Rio de Janeiro. Era a primeira vez que alguém da Zona Norte ganhava o concurso. Leda e sua mãe foram visitar-me na redação da *Última Hora* para agradecer o apoio que o jornal lhe dera. Ainda impressionado com o que vira em Madureira, tive na hora a idéia de convidá-la para trabalhar comigo: se não fosse eleita Miss Brasil, propus, teria um lugar assegurado na redação. Ela aceitou, e procurou-me algum tempo depois. Decidi formar uma dupla de colunistas e designei Carlos Renato para trabalhar ao Lado de Leda Rahal. Assim nasceu a coluna 'Luzes da cidade', que rapidamente se transformou numa das coqueluches da *Última Hora*. Leda e Carlos Renato freqüentavam clubes de Ramos, do Méier, de Bonsucesso, apresentando festas e colhendo notas para a coluna. Em pouco tempo, os dois eram celebridades em todos os bairros da região.¹⁴

No entanto, tal importância não refletia um crescimento econômico dessas camadas, tampouco da sociedade como um todo, muito embora as representações de época assim nos fizessem acreditar. Era, antes de tudo, em uma crença na aparência de moderno que essas camadas mais investiam e popularizavam por meio da imprensa. O que significava um cuidado excessivo com a aparência física: os gestos, as roupas, a higiene, a fala e a correção estética. Na revista *O cruzeiro*, podia-se observar uma série de prescrições autoritárias para que a mulher tivesse uma resposta (im)positiva à questão: "Você tem bom gosto?"¹⁵

COMO todas as artes, a de vestir precisa ser estudada e cultivada. Você pode ficar conhecendo as regras que orientam o vestuário, se analisar o seu próprio tipo físico e as modificações nele provocadas pelo que usa, se observar com atenção as outras mulheres e os seus trajés. O vestuário não é apenas um conjunto de peças que você aplica sobre o seu corpo ao acaso, mas sim com objetivos estéticos. Bem escolhido, poderá realçar os seus encantos, melhorar a sua aparência. Estude-o, pois, com cuidado. Do mesmo modo que você aprende a arrumar objetos num ambiente (o grifo é meu) conforme a cor, tamanho, a forma, o estilo, aprenda a combinar as peças do seu vestuário, para que melhor se adaptem à sua pessoa, dando-lhe mais atração, mais elegância, mais distinção e mais personalidade. [...] Vestir bem é uma questão de bom gosto, e bom gosto é a escolha das coisas e a combinação harmoniosa dessas coisas. As regras que devem orientar o bem-vestir são, em essência, as mesmas que garantem a disposição

harmoniosa, artística, de qualquer conjunto. Essas regras fundamentais são: Harmonia. Proporção. Equilíbrio. Ritmo. Realce.¹⁶

A mulher tornada objeto de uso estético era uma das imposições para as mulheres de camadas médias que almejassem ingressar na vida social, anteriormente restrita às mulheres de elite. O conselho voltava-se principalmente às que ainda não havia introjetado certa consciência corporal e estética do “bem apresentar-se” socialmente. Desde o início do século XX, as mulheres de elite já vinham “aprendendo” a lidar com o corpo e a aparência por meio da imprensa diária e periódica.¹⁷ Para as mulheres de camadas médias dos anos 1950, os cuidados com aparência em público se constituíam em uma novidade no meio urbano carioca. Para que não houvesse erros, o caminho da harmonia, da estabilidade ou da proporção estéticas era a saída para as que estavam debutando na vida social, mas sem exageros ou excessos, por isso a “distinção” e a “elegância” eram altamente valorizadas. No entanto, o próprio conselho deixava uma questão em aberto: para uma sociedade que já se considerava “moderna” desde o início do século XX, ensinar regras de elegância e beleza para as camadas médias nos 1950 não era um indício de que esses ideais ainda não haviam sido incorporados pela maioria da população, seja por falta de condições econômicas ou de hábitos culturais?

A excessiva preocupação com o olhar social, isto é, com a moral e a aparência, era uma forma de tentar obliterar a precariedade da vida, ou seja, a “falta de meios e modos” na convivência social. Na coluna “Da mulher para a mulher”, da revista *O cruzeiro*, homens e mulheres deveriam aprender regras básicas que “nunca” falhavam:

Diz uma colunista americana que: ‘Nunca é errado dizer a um rapaz que ele é inteligente, vivo e interessante’. Dizer a uma moça que ela é linda. Dizer ‘não sei’ se realmente não sabe. Pedir um conselho a um técnico. Elogiar a refeição da anfitriã. Notar que uma pequena mudou de penteado. Não se irritar com uma piada de mau gosto. Não dar ouvidos a intrigas. Procurar por os outros à vontade. Encorajar um rapaz que é tímido a declarar-se. Dizer ao anfitrião que você se divertiu muito. Pedir desculpas quando cometeu um engano. Dizer a um rapaz quanto preza sua opinião.¹⁸

Para o olhar de hoje, tais normas podem ser consideradas ingênuas e óbvias. Porém, naqueles tempos, indicavam a excessiva teatralização social a que deveriam estar submetidos aqueles que desejassem adquirir traquejo social, principalmente as mulheres. As camadas médias da sociedade tornaram a representação um *modus vivendi* central para uma sociedade que queria ser moderna e, sem dúvida, deveria aparentar ser. A síntese desse comportamento, que denominei *padrão médio*, era o de conjugar antigos costumes aos novos hábitos urbanos visando aparentar uma estabilidade social. Uma mãe da década de 1950 procurava um conselho no jornal *Última hora* a fim de encontrar um “termo médio” para a educação dos filhos:

Como se pode decidir quando uma criança deve ser castigada ou advertida? Muitas das minhas amigas acham que a ausência de castigos torna a criança mimada e outras opinam que a criança se expresse sem restrições. Não haverá um termo médio?¹⁹ (o grifo é meu)

A conselheira respondia que “não existe uma regra simples para chegar até lá”, mas deixava claro que um “termo médio” era um ideal a ser alcançado com muita “sensatez”. Admoestava a mãe leitora com um pesado “equilíbrio”:

As rigorosas medidas disciplinares do passado estão sendo abandonadas – e com acerto – pois muitos casos se revelam perniciosas. [...] No entanto, também é um erro passar para o extremo oposto... criar um filho sem restrição de espécie alguma e deixá-lo desenvolver-se sem qualquer noção de suas responsabilidades para com as outras pessoas, os animais e a propriedade. [...] As crianças precisam de disciplina. Isso não significa que sejam obrigadas a aceitar as regras desnecessárias ou que devem ser punidas com regularidade e brutalidade. Significa que precisam de orientação. Não estão aparelhadas para tomar decisões importantes e não podem aprender o que é certo e o que é errado sem instrução. A verdadeira disciplina consiste numa orientação inteligente, inclusive a aprovação pelo bom comportamento e a censura e o castigo pelo comportamento inconveniente. [...] Você poderá aprender a disciplinar o seu filho sensatamente. Observe, em primeiro lugar, as outras crianças e leia livros especializados para saber o que pode esperar dele em cada fase de seus desenvolvimentos. Quando souber suas possibilidades, estará em melhores condições para decidir o que constituiu ‘malcriação’ e como tratá-lo.²⁰

Observar as outras crianças, as outras mulheres, procurar conselhos de especialistas e técnicos ligados à moda, ao embelezamento do corpo, aos gestos, à educação dos filhos e aos cuidados com família e a casa. Recaía sobre a mulher um olhar vigilante visando buscar um equilíbrio entre a “rainha do lar” do passado e a “mulher da sociedade” daquele momento. O comportamento feminino deveria ser uma junção da figura da mãe e da amante. Uma rearticulação do discurso autoritário e misógino do passado sob o manto de uma pretensa aparência de moderno. Com maior sutileza do que no início do século XX, o ideal de equilíbrio e harmonia “medianos” escondia o seu componente ideológico, ou seja, a precariedade da vida deveria ser mascarada, tornando a aparência uma essência. O que se estendeu para o consumo, para o comportamento masculino e para a idealização da figura do jovem.

A compra de produtos mais caros não poderia prescindir do “crediário” (instituição nova naquele período para bens de consumo como móveis e eletrodomésticos). “Economia” era a palavra que começava a ser usada em muitas propagandas comerciais da época. No jornal *Última hora*, uma propaganda de uma “sala de jantar em estilo mexicano” prometia “um rico presente para seu lar. Aproveite... agora e economize” com “cem de entrada e o restante [...] pelo crediário”.²¹ No mesmo jornal, vendia-se numa propaganda

“uma cozinha americana feita para a sua própria cozinha” com um preço à vista de “2.070 ou 270, de entrada e prestações de 170”, pois a loja o Ponto Frio vinha avalizada pela “honra ao crédito”.²² Numa propaganda da revista *O cruzeiro*, uma enceradeira poderia ser comprada “nos revendedores Walita...” pagando-se “em suaves prestações!”²³ Ou ainda, móveis em madeira, pois a “duratex faz móveis de beleza, resistência e economia”.²⁴

O comportamento masculino também deveria adequar-se ao padrão médio de culto à aparência, equilibrando a manutenção da virilidade com a gentileza e os bons modos. Na seção “Etiqueta” da revista *O cruzeiro*, o homem “moderno” deveria aprender a ser elegante:

O cavalheiro que acompanha uma senhora em sociedade, leitor Nero, de São Paulo, assume muitos deveres. Primeiro entre todos o de combinar rigorosamente a sua elegância à da sua dama; se está em dúvida (e ela tem bastante traquejo social, diz você), peça-lhe conselhos. Não lhe ficará mal, não, porque para um homem a elegância do vestuário é sempre um problema. Quando a sua dama usa um vestido a rigor, para um baile ou uma grande estréia no teatro, use ‘smoking’ ou a casaca. O ‘smoking’, atualmente é de uso mais corrente e é o traje aconselhável para quem está no dilema da escolha. Quando se tratar de uma reunião, um jantar; uma recepção em que não seja exigido traje a rigor, use um terno escuro, de corte austero, camisa branca, gravata sóbria sem fantasias, sapatos pretos. Um terno cinza escuro, por exemplo, é de segura distinção.²⁵

Embora possa parecer um conselho voltado apenas aos homens de camadas sociais mais elitizadas, o conselho visava atingir aos homens de camadas médias que também estavam aprendendo a debutar na vida social. Ensinava a conselheira que pedir um conselho à sua dama “não lhe ficará mal”, isto é, não depunha contra a sua masculinidade. Por isso, aconselha um “terno escuro” e “gravata sóbria sem fantasias” para situações menos formais, que seriam a prova de sua “distinção”, ou seja, de que sua virilidade não seria ameaçada pelos “bons modos” adquiridos. Afinal, os homens tornavam-se co-dependentes do olhar vigilante que pairava como um peso sobre as mulheres. Uma propaganda comercial explorava a receita do olhar alheio sobre a aparência masculina, pois ao usar a loção pós-barba “Aqua Velva [...] sua aparência é melhor... [...] Protege sua pele e proporciona à sua face aquele aspecto saudável e juvenil de vitalidade que as mulheres admiram”. E completava: “possui aroma discreto e masculino - dá uma sensação estimulante!”²⁶

Aliás, a “jovialidade” e a “vitalidade” citadas na propaganda figuravam entre as qualidades mais prezadas na década de 1950 para o discurso normativo. Outro aspecto novo daquela década, pois “ser jovem” tornava-se uma atitude perante a vida. O que prepararia para as décadas subseqüentes a importância que o jovem ganharia socialmente. Todavia, era a figura do jovem bem-comportado ou moralmente correto que era vendida como a síntese da idade ideal e, portanto, sinônimo do ideal de aparência estável ou “mediana”.

No jornal *Última hora*, “ser jovem” era ser alegre, sereno, arrumar uma ocupação, cuidar da aparência e acompanhar a moda:

Beleza significa juventude. Enquanto estiver (sic) interesse pela vida e com a cabeça serena e em constante atividade, pode se afirmar que é jovem. Se puder passar trinta minutos ou mais, durante o dia, lendo, sua imaginação será estimulada. Ou então procure ouvir boa música pelo rádio; procure acompanhar a época em que se vive e deixe para trás os anos de insatisfação e tristeza.²⁷

Evidentemente, as mulheres eram o alvo certo quando o assunto era juventude. Mas também não se restringia à mulher jovem, pois a conselheira explicitava que ser jovem era uma atitude, o que englobava mulheres de todas as idades. Era uma atitude de manter a aparência de leveza, harmonia, alegria e tranquilidade na vida. Uma esquizofrênica vitalidade diante dos problemas do dia-a-dia. Tudo poderia ser resolvido “afastando a tristeza e o cansaço”, dizia uma colunista da revista *O cruzeiro*:

Se você é volúvel de temperamento, se muda de humor de um momento para outro, se facilmente se cansa, lembre-se de que tudo isto se reflete em seu rosto. Para que se mostre sempre bonita ou atraente, é preciso que nunca esteja de mau humor e nunca demonstre o seu aborrecimento ou o seu cansaço. Quando estiver aborrecida ou cansada, recorra a um banho quente, e ponha-se ‘de molho’, durante quinze minutos, com os olhos fechados. É um segredo para rejuvenescer, para acalmar os nervos e para tirar o cansaço. Não se esqueça: tristeza ou cansaço pode torná-la feia; somente o repouso e uns lábios sorridentes podem fazer parecer atraente um rosto, mesmo quando este rosto não possui uma destacada beleza.²⁸

O que mais impressiona nesses conselhos é o extremo autoritarismo mesclado de docilidade. Autoritarismo porque impunha à mulher a tarefa de estar sempre de bem com a aparência e, conseqüentemente, com a vida. Docilidade porque tentava inculcar a necessidade de manter-se jovem, tornando o conselho indispensável para as que tivessem temperamento volúvel, ou seja, todas as pessoas. Ao criar o impasse, o tom de zelo e preocupação autolegitimava o conselho. A maioria das propagandas comerciais era destinada às mulheres, principalmente as de produtos de beleza, roupas e higiene corporal. Também ratificava a junção de autoritarismo e docilidade em seus textos e imagens. Uma propaganda da revista *O cruzeiro* dizia “Viva num mar de rosas!... Sinta-se mais repousada e mais bela... vendo sua pele renascer com um frescor de primavera... dando a todo o seu corpo uma acetinada maciez de flores... sentindo no ar uma nuvem de perfume que parece nascer de você... com talco para toilette Cashmere Bouquet”.²⁹ A propaganda apresentava uma mulher jovem repousada em cima de uma camada de flores. Outra propaganda prometia “Juventude e beleza na espuma cremosa do sabonete Palmolive!”³⁰ No jornal *Última hora*, as mulheres que não podiam comprar os caros produtos de beleza aprendiam

técnicas de massagens faciais³¹ ou andar com mais elegância.³² Na revista, aprendiam a mudar o tom da voz³³ e a respirar corretamente para que evitassem a “cintura grossa”.³⁴ Uma série de normas com alta carga de teatralização social, que sintetizava a exigência de culto às aparências do padrão médio de comportamento estável e harmonioso. O que podia ser resumido no conselho: “Nem bonita demais, nem inteligente demais – parece que o meio termo é o que mais beneficia à mulher”.³⁵

Havia uma tentativa de imitar hábitos das camadas sociais mais elitizadas por meio da improvisação de recursos estéticos, financeiros, culturais e morais: a falta de dinheiro era driblada pela compra a prazo; a misoginia deveria ser suavizada com a imagem da mulher que sai de casa, mas que sabe se comportar; o homem deveria ser mais elegante, mas sem perder a masculinidade; o jovem deveria ser a tradução de uma sociedade que não queria ser excessivamente moralista nem demonstrar as condições precárias de ascensão das camadas médias na hierarquia social por falta de hábitos culturais e condições econômicas adequadas para o desenvolvimento do liberalismo burguês de forma expandida. Uma cultura da imitação ou da representação de moderno era o que deveria prevalecer. A historiografia que se debruçou sobre esse período também acreditou em uma representação de moderno estável, “médio”.

A partir dos anos 1950, “moderno” passava a ser um conceito mais positivo porque estava ligado à estabilidade moral, política e econômica daquele momento. Do final do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, no Brasil, a ideologia do moderno oscilava entre o rompimento com o passado e o avanço para o futuro, representando ora um, ora outro, dependendo das circunstâncias. Era um conceito ligado à instabilidade, seja porque retirava as certezas do passado, seja porque modificava radicalmente o presente pelo avanço rápido do futuro. É somente com o advento da ditadura militar que o conceito de “modernização conservadora”³⁶ foi empregado para se contrapor a essa ideologia, mesmo que grande parte da *intelligentsia* brasileira tenha acreditado nos seus efeitos perniciosos e, portanto, na sua eficácia. Além disso, grande parte da historiografia sobre os anos 1950 foi a dos anos 1960-70, num momento de desilusão com a “modernidade conservadora” dos militares. A historiografia buscou na década de 1950 uma modernidade mais “democrática” no interregno entre a ditadura estadonovista dos anos 1940 e a ditadura militar dos anos 1970, embora essa “democracia” já representasse um sinal de dependência econômica do capital norte-americano e que teria motivado a política de substituição de importações dos anos 1950.³⁷

Nos contos de Nelson Rodrigues publicados originalmente nos anos 1950, como parte integrante da coluna “Pouco amor não é amor”, no *Jornal da semana – Flan*, também de propriedade do jornalista Samuel Wainer, o escritor apresentava histórias cotidianas

que afrontavam esse ideal de estabilidade moderna. A noção de fracasso nem sempre está explícita nos enredos rodrigueanos, ora aparece no destino trágico das personagens, ora na frustração de um desejo, de um casamento ou mesmo de uma vingança, ora ainda no ressentimento das personagens. Entretanto, há momentos em que o fracasso é latente:

Virou-se para o marido:

– Não me tira a dentadura.

Como era uma exigência nova, sem precedentes, ele estranhou:

– Por quê, carambolas?

E ela, nos seus maus modos e na sua irritação:

– Pensa, raciocina, criatura! Você não vê que é falta de poesia? Que espécie de amor eu posso ter, vendo você todas as noites tirar a chapa de cima e de baixo e pôr no copo?

Surpreso, Lobato abotoou o pijama que acabara de vestir, e aproximou-se da cama.

Perguntou:

– Mas, meu anjo, você não me conheceu sempre assim? Na nossa primeira noite eu não fiz isso? Responde. Não fiz?

Sofia estava deitada. Sentou-se na cama indignada:

– Você fez! Claro que fez! E foi por isso que eu, de cara, perdi todas as ilusões! Ah, quando te vi sem dentes, quando vi teus dentes no copo, adeus amor! Adeus poesia!

O pobre-diabo caiu das nuvens; fazia espanto: ‘Você acha que uma dentadura influi num casamento? Num amor?’. Sofia confirmou, feroz: ‘Como não? Sim, senhor! Perfeitamente! Um homem desdentado liquida qualquer amor!’. Levantou-se e foi desafiar o marido: ‘Queres fazer uma experiência? Queres? Tira a dentadura e vai te olhar no espelho!’. Por mais estranho que pareça, Lobato obedeceu. E quando viu, no espelho, as próprias gengivas vazias, a boca de velha, de bruxa, crispou-se num pudor convulso. Com mais autoridade, Sofia fez o apelo:

– Dorme de dentadura! É um favor que eu te peço! Dorme! Não tira!

Sentou-se numa extremidade da cama. Sentindo-se um miserando, justificou-se: ‘Meu anjo, eu queria te atender, mas não posso! Imagina se engulo a dentadura!’. Era esse, com efeito, o seu medo, o seu complexo. Sofia perdeu a paciência:

– Você é o maior fracassado de todos os tempos!’³⁸

Mas a história não termina por aí. A mulher ainda o insulta por não tomar banho e um amigo no trabalho chama a sua atenção por cheirar mal. Ressentido, resolve ficar com o dinheiro da firma onde trabalha. Gasta todo o dinheiro passeando de táxi por vários dias, pois, segundo ele, seu sonho de menino era andar “de táxi e não de automóvel particular. [...] Até que chegou um dia em que sobraram, apenas, no seu bolso, cem cruzeiros. Coça a cabeça: ‘Vamos dar mais uma volta. A última!’”. Quando passavam pelo Estádio do Maracanã, Lobato apanhou o revolver, introduziu o cano na própria boca e puxou o gatilho”.³⁹ A história é de uma família suburbana, pois o marido trabalha para sobreviver e tem o sonho de andar de táxi e esbanjar dinheiro. Porém, ao não conseguir manter a boa aparência pessoal, encontra no suicídio a solução para o dilema existencial. Embora se trate do universo de camadas médias baixas, o conto-crônica atingia o moralismo dos

setores elitizados e das camadas médias mais abastadas, que valorizavam a aparência, a ascensão e manutenção da posição social a qualquer custo. O fim trágico do conto-crônica culminando no Estádio do Maracanã é indicativo da exposição que o autor pretendia lançar para o leitor do fracasso das aparências na coletividade.

Na peça *A falecida*, de 1953, a família também era suburbana e o clima não era asfixiante e restrito ao ambiente doméstico.⁴⁰ O cômico dialogava com o trágico, catalisando a ironia. O cinismo era escancarado como farsa. A trama central ocorre entre Zulmira e o marido Tuninho. No primeiro ato da peça, Zulmira, ao consultar uma cartomante, fica cismada com a “mulher loura”. Tuninho sugere que tal mulher possa ser a prima e vizinha Glorinha. Zulmira também concorda. Por isso começa a desconfiar da pureza moral da prima, que é protestante. De repente Zulmira também se torna evangélica (da “Igreja teofilista”). Fica tão “puritana” quanto a prima Glorinha. Tuninho a acusa de estar imitando a prima, pois Zulmira sequer deixa o marido beijá-la na boca. Paralela a essa trama, há sempre o diálogo dos funcionários da casa funerária, personificado por Timbira, cuja função é vender enterros pelo maior preço possível. O segundo ato inicia-se com Zulmira procurando Timbira na funerária para encomendar o seu próprio enterro, mas sem que ele desconfie de nada. Em seguida, Zulmira vai ao médico. Para a sua frustração, Dr. Borborema não diagnostica nada em seus pulmões. Porém, convencida de que vai morrer, Zulmira pede a Tuninho que procure o homem que pagará o seu enterro. O marido promete não fazer perguntas e jura um “enterro bonito, lindo... de penacho... 36 mil cruzeiros”. De fato, ela morre. O último ato da peça está centrado em Tuninho e o homem que supostamente custearia o enterro da esposa, Pimentel. Pede o dinheiro sem se identificar como o marido. Pimentel resolve contar como conheceu Zulmira. O marido descobre que foi traído pela esposa no banheiro de uma sorveteria quando, aliás, acompanhava-a. O próprio amante abre o jogo e Zulmira retorna em *flash back* para apresentar suas razões. Para coroar os fracassos da história, Tuninho desmascara o pretenso puritanismo da esposa. Toma consciência de que ela o odeia apesar da convivência matrimonial. E o que é pior, só descobre isso depois de sua morte.

No teatro de Nelson Rodrigues dos anos 1950, o que fracassava era a tentativa de representar “ser moderno”, pois era sempre uma imitação fracassada. Ao imitar um ideal de relacionamento conjugal burguês – público – o fracasso é motivado por interesses individualistas não propriamente liberais, mas como uma resposta magoada e ressentida diante desse mundo liberal que também não se realizou. Tuninho, ao descobrir a traição, exige o dinheiro do amante mediante a chantagem de denunciá-lo para um jornal sensacionalista (chamado de *O radical*). Ele vai à funerária e encomenda um enterro paupérrimo para Zulmira. Em seguida, dirige-se ao estádio de futebol para assistir ao jogo do seu time preferido. O pano cai depois dessa cena:

(Luz no Maracanã. Vai entrando Tuninho. Atrás, de boné, o chofer do táxi, empunhando uma bandeira do Vasco. Os dois atravessam uma multidão imaginária de duzentas mil pessoas. Efeitos sonoros do Campeonato do Mundo.)

TUNINHO (no seu deslumbramento) – Parece até Brasil-Uruguai!

CHOFER – Vai ser um rendão!

TUNINHO – Pra lá de milhões!

(Chofer olha em torno.)

CHOFER – Vamos ficar aqui? Aqui está bom!

(Contra-regra põe cadeira para os dois. Sentam-se. Exaltação de Tuninho.)

TUNINHO (numa euforia, esfregando as mãos) – Está na hora da onça beber água! (Muda de tom, feroz) Hoje vou tomar dinheiro desses pó-de-arroz! Não entendem bolacha de futebol! Sou Vasco e dou dois gols de vantagem!

(Tuninho vem à boca de cena, numa alucinação. Bate no peito.)

TUNINHO – Tenho dinheiro! Dinheiro!

(Arranca dinheiro dos bolsos. Crispa as mãos nas cédulas.)

TUNINHO – Vou apostar com duzentas mil pessoas! Dou dois! Três! Quatro! Cinco gols de vantagem e sou Vasco!

(Tuninho insulta a platéia.)

TUNINHO – Seus cabeças-de-bagre!

(Tuninho atira para o ar as cédulas. Grita com todas as forças.)

TUNINHO – Casaca! Casaca! A turma é boa! É mesmo da fuzarca! Vassssssco!

(Tuninho cai de joelhos. Mergulha o rosto nas duas mãos. Soluça como o mais solitário dos homens.)⁴¹

Aparentemente a vingança de Tuninho consuma-se perante a vida pública, pois consegue castigar a esposa adúltera ao não realizar o enterro de luxo. Porém, apesar de ficar com o dinheiro, dar um enterro pobre para Zulmira e ainda gastá-lo no jogo de futebol, o marido termina “com o rosto nas duas mãos [...] como o mais solitário dos homens”, diz a rubrica final.

Para Nelson Rodrigues, era mais importante expor que o fracasso da nação dita “moderna” não era assumido socialmente do que propriamente mostrar como ele acontecia, isto é, embora houvesse o fracasso, ele era fruto da tentativa frustrada de cultivar as aparências. É por isso que o fracasso da representação da nação como moderna passa a ser exposta em suas peças dos anos 1950, bem como em seus contos ou mesmo em crônicas de futebol como esta:

[...] E o patético é que, desta vez, não se trata de gente. Insisto: o meu personagem da semana não pertence à triste e miserável condição humana. É, com escrúpulo e vergonha o confesso, uma cusparada. [...] A vida dos homens e dos times depende, às vezes, de episódios quase imperceptíveis. Por exemplo: – o jogo Canto do Rio x Flamengo, que foi tão árduo, tão dramático para o rubro-negro. Antes da partida, havia rubro-negros olhando de esguelha, e com o coração pressago, o time da vizinha capital. É certo que o Canto do Rio não esfrega na nossa cara grandes nomes, grandes cartazes. [...] Começa

o *match* e logo se percebe que o Flamengo teria de molhar a camisa. O Canto do Rio fez jogo que rende, que interessa: – bola no chão, passe rasteiro, penetração, agressividade. Termina a primeira etapa com um escandaloso 1 x 0 a favor do Canto do Rio. Cá fora, vários rubro-negros se entreolharam, em pânico. Imaginem se o Flamengo cai da liderança, como de um trapézio. Mas vem o tempo final e o rubro-negro consegue, com um gol notabilíssimo de Henrique, o empate. Mas não bastava. Um empate significaria, do mesmo modo, a humilhação de um segundo lugar. Continua a tragédia. [...] E, de repente, com a bola longe, nos pés de Jairo, se não me engano, há um incidente na área do Canto do Rio. Alguém chuta alguém. Malcher [o árbitro], de uma só cajadada, mata dois coelhos: – expulsa Floriano, que lhe pareceu culpado, e assinala pênalti contra o Canto do Rio. Amigos, eu confesso: – tive pena do Canto do Rio, porque o árbitro o punia duas vezes pela mesma falta. Achei que era justiça demais, castigo demais. Vem Moacir e desempata: – Flamengo 2 x 1. Inferiorizado no placar e com dez elementos, lá parte, outra vez, o Canto do Rio. Jogo duro, viril, disputado com gana e, eu quase diria, com ódio. [...] Faltando quatro ou cinco minutos para acabar a batalha, ocorre contra o Flamengo o pênalti que, para muitos, foi compensação. Devia ser empate, ou seja: – o resultado que viria pôr abaixo, da ponta, o Flamengo. Foi então que Dida teve uma lembrança maléfica e mesmo diabólica. Estava a bola na marca fatídica. Dida aproxima-se, ajoelha-se, baixa o rosto e vai fazer o que nem todos, na afobação, percebem. Para muitos, ele estaria rezando o couro. Mas eis, na verdade, o que acontecia: Dida estava cuspidando na bola. Apenas isso e nada mais. [...] Objetará alguém que este é um detalhe anti-higiênico, antiestético, que não devia ser inserido numa crônica. Mas eu vos direi que, antes de Canto do Rio x Flamengo, já dizia aquele personagem shakespeariano que há mais coisas no céu e na terra do que supõe a nossa vã filosofia. Quem sabe se a cusparada não decidiu tudo? Só sei que lá ficou a saliva, pousada na bola. O que aconteceu depois todos sabem: – Osmar bate a penalidade de uma maneira que envergonharia uma cambaxirra. Atirava o Canto do Rio pela janela a última e desesperada chance do empate glorioso. [...] E ninguém desconfiou que o fator decisivo do triunfo fora, talvez, a cusparada metafísica de Dida, que ungiu a bola e a desviou, na hora H.⁴²

As crônicas de futebol de Nelson Rodrigues não enfocam os comentários técnicos e táticos de uma crônica de futebol tradicional. É clara a sua motivação literária e dramática. A crônica intitulada “A cusparada metafísica” é um bom exemplo dessa subversão às regras do futebol. A cusparada na bola é um gesto improvisado. O mesmo improvisado a que as camadas médias baixas tinham de recorrer em uma situação difícil da vida na falta de melhores condições para manterem as aparências. Nelson Rodrigues transforma tanto o time vencedor como o time derrotado em “camadas médias”. É notório que a personagem da semana é a cusparada na bola e não o jogador, o juiz, o jogo ou a torcida. O cuspe torna-se “metafisicamente” o responsável pela vitória do Flamengo sobre um time pequeno, providencialmente chamado de Canto do Rio. O peculiar na crônica não é a vitória do Flamengo por meio de um cuspe, mas como o cuspe é exposto como o motivo que possibilita tanto a vitória quanto a derrota. O que o cronista expôs é o fracasso das aparências por meio de uma crônica de futebol, pois a vitória de um time representa

manter a imagem de um sucesso perene na vida e a derrota representa o seu indesejável avesso. Ao jogar essas duas representações, a imagem do cuspe na bola surge como uma terceira representação (ou representação liminar) que confunde os ideais de ser vitorioso (público) ou derrotado (privado), fazendo com que tanto um como o outro dependam do fracasso que o cuspe representa socialmente. A representação social da nação como moderna fracassa na crônica rodrigueana justamente porque assume aquilo que a sociedade gostaria de expulsar do seu convívio, isto é, tudo o que nela representa o que é “antiestético” e “anti-higiênico”, ou ainda, “feio” e “nojento”.

O dramaturgo oferecia-nos uma interpretação oblíqua sobre sua própria sociedade. Travestido de cronista, interessa-se por um aspecto em nada “moderno” dentro de uma partida de futebol: um cuspe pousado na bola. Afinal, para os padrões de aparência daquela sociedade, Nelson Rodrigues transformava uma “cusparada” em algo grande, único e desagradável demais. Além disso, tal detalhe em nada contribui para a vitória do time “mais fraco”. Qual a razão de esses textos até hoje chamarem a atenção? Trata-se de expor o fracasso das representações de moderno que ainda atingem o universo dos leitores e iletrados do Brasil. Por meio de suas crônicas de futebol, Nelson Rodrigues diria ao seu modo que o brasileiro ainda sofria naquele tempo de um “complexo de vira-latas”:⁴³

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: ‘ – O Brasil não vai nem se classificar! ’. E, aqui, eu pergunto: – não será esta atitude o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? [...] Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 X 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse ‘arrancou’ como poderia dizer: – ‘extraíu’ de nós o título como se fosse um dente. [...] A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: – ‘O que vem a ser isso?’. Eu explico. [...] Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem:

– e perdemos de maneira abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdúlio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vencer lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: – para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.⁴⁴

Nelson Rodrigues sempre utilizou as suas crônicas de futebol para tratar da imagem que “o brasileiro” fazia de si mesmo, ou melhor, de sua auto-representação. Embora possa parecer um texto recoberto de generalizações identitárias (“o brasileiro”), é preciso compreender o modo como o dramaturgo trabalhava com tais generalizações, isto é, como um jogo de representações. É por meio desse jogo de representações que é possível interpretar um significado histórico da crônica rodrigueana. De um lado, a visão pessimista do “brasileiro”. De outro, a visão eufórica ou otimista. O cronista-dramaturgo embaralhava os sentidos ao desconfiar dessas duas visões com a questão: “não será esta atitude o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?” Traduzindo: ou ser pessimista era um disfarce do nosso otimismo ou ser otimista era confessar a nossa vergonha. O conflito entre essas duas representações visava chamar a atenção para o nosso complexo de humilhado ou de inferioridade. Todo “complexo” torna-se um jogo de espelhos entre o que está presente e o que está ausente, o mesmo jogo que ocorre com o fenômeno da representação, pois se me sinto humilhado tento aparentar ser grandioso ou se tento aparentar ser grandioso assumo a condição de humilhado. Na crônica rodrigueana a aparência é sempre desnudada, seja pelo que ela esconde, seja pelo que ela revela. No caso, a inferioridade “em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”. A inferioridade ou o “problema de fé em si mesmo” era o sintoma de uma cultura que vivia de aparências para sobreviver, mas que fracassavam mediante o que deixavam ou não ver, isto é, a própria precariedade. Portanto, o nosso poder de invenção, de criação ou improvisação era fruto muito mais de um drible em nossas dificuldades, inclusive do “problema de fé em si mesmo”, do que da demonstração de nossas qualidades inatas ou perenes.

Desde os anos 1950, Nelson Rodrigues expunha que o esboroamento das fronteiras entre o público e privado, embora não fosse assumido socialmente, indicava a falência de nos identificarmos como uma nação moderna. Historicamente, não era novidade a interpenetração entre essas duas esferas em nosso país. Nos anos 1950, a consciência dramática dessa “confusão” no teatro de Nelson Rodrigues atestava a passagem de uma sociedade burguesa, que se ancorava, mesmo que apenas ideologicamente, na separação entre público e privado, para uma sociedade tendente à massificação, mas não consoli-

dada, na qual a popularização de valores burgueses afrouxavam os limites entre o que deveria ser espetacularizado (as aparências) ou preservado na intimidade (os fracassos). A obra de Nelson Rodrigues tornou-se essa zona de jogo entre o público e o privado, o sucesso e o fracasso, o país e o indivíduo:

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: – que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: - ‘Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!’. Viviam desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um São Francisco de Assis, de camisola e alpercatas. [...] Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo com um potente, um irresistível *élan* vital. E vou mais além: - diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos. [...] E a quem devemos tanto? Ao meu personagem da semana. Ninguém aqui admitia que fôssemos os ‘maiores’ em futebol. Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem em cuspe à distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja [5 X 2]. Foi uma lavagem total. [...] Outra característica da jornada: – o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: – o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro.⁴⁵

A crônica de futebol trata da primeira conquista do “escrete” da Copa do Mundo de futebol, em 1958. Deixamos de ser humildes para nos tornarmos o país que dominava a geopolítica nesse esporte. Tomamos o lugar da Inglaterra como criadora do futebol a partir do triunfo sobre outra nação “desenvolvida”, a Suécia. No imaginário das elites do início do século XX no Brasil, o caráter coletivo do futebol legitimava as projeções de um Estado-Nação moderno. Nos anos 1950, diante do inelutável “avanço” das potências capitalistas, conquistar um título mundial representava entrar para o concerto das “nações modernas” ou pelo menos “aparentar ser” com maior eficácia. Porém, seria ingênuo atribuir à crônica de Nelson Rodrigues uma defesa da ideologia do nacional-desenvolvimentismo via futebol, pois o autor se esforçava em exagerar tanto a “humildade” quanto a “vitória” do “brasileiro”. Mais uma vez o autor se reapropriava dos papéis sociais para escancará-los como farsa. Nesse caso, o autor apropria-se do discurso nacionalista (pedagógico) de dominar uma nação sobre outra (inclusive por meio do esporte) para constantemente jogar na performance narrativa a humildade e a vitória ou entre essas duas representações de moderno, pois “ser humilde” era reconhecer o poder ou a vitória

do outro, o mais “avançado”. Não era por acaso que a humildade se tornava um corolário para a vitória e vice-versa, expondo que a representação da humildade do brasileiro – “vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras” – era tão forçada quanto a vitória alcançada – “hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte [...] o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro”. Nelson Rodrigues não escondia o seu gesto comemorativo como torcedor do futebol, mas também não escondia o exagero por meio de sua comemoração. As próprias representações são colocadas em tensão, mostrando que não éramos “humildes” (e a vitória do “escrete” provou a suspeita), tampouco nos tornamos ingleses (a condição de “ex-buchos” era mais forte do que a da beleza). Esse intrincado jogo de espelhos em que a imagem real nunca é visível advém do teatro como jogo de representações.

É claro que nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, nas quais o tema é a Copa do Mundo ou jogos amistosos internacionais da seleção, a presença de temas como os dos nacionalismos ou características genéricas dos países acabam aparecendo. No entanto, é notório como autor construiu essas representações, à maneira dos seus textos teatrais, questionando-as por meio do jogo. A crônica de futebol facilita tais aproximações, pois, assim como o diálogo e o gesto no teatro, o futebol consiste em jogar com um outro mediante a exposição pública. Significativo é o título de um dos seus livros que reúne crônicas de futebol, *A pátria em chuteiras*, que representa mais um disfarce de nação do que um signo nacionalista.⁴⁶ O livro tem esse nome em função de uma crônica que trata da vitória do Brasil contra a Itália pelo Torneio do Bicentenário da Independência do Brasil em 1976, no qual o Brasil se sagrou campeão vencendo por 4 X 1. Essa crônica foi escrita seis anos depois do tricampeonato do Brasil na Copa do Mundo de 1970, momento em que a seleção estava devendo grandes atuações e não recebia elogios da crônica esportiva convencional:

Amigos, a vitória de anteontem justifica uma meditação sobre o escrete. Pergunto: – para nós, o que é o escrete? Digamos: – é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e nossas virtudes. [...] Em suma: – o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós. Digo isso e, ao mesmo tempo, o desdigo. E, com efeito, se o povo é o escrete, e o escrete é o povo, por que a crônica é tão restritiva contra a seleção?⁴⁷

Percebe-se novamente o jogo das representações: se o escrete representa o povo brasileiro e vice-versa, por que o Brasil era mal visto pela crônica esportiva? As perguntas subjacentes são: como podemos falar mal de “nós” como pátria? E se podemos, por que insistimos em nos representar como uma coletividade? Seria mais uma representação (ou imitação) fracassada?⁴⁸

Recebido em Março/2008; aprovado em Maio/2008.

Notas

* Doutor em história social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Este artigo é parte integrante, mas modificada, da tese *Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil - 1940-50*, PUC-SP, 2005.

¹ Sobre um debate e crítica mais recente ao conceito de populismo em nossa história ver: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

² SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 61-62.

³ Nelson Rodrigues já escrevia crônicas de futebol, principalmente sobre o Fluminense, no jornal *Crítica* de seu pai, Mário Rodrigues, desde os dezesseis anos de idade, além de crítica literária e reportagens políticas. Sobre isso ver: RODRIGUES, Nelson. *O Baú de Nelson: os primeiros anos de crítica e reportagem (1928-35)*. Organização e seleção de COELHO, Caco. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

⁴ Id. “O mil vezes tímido”. In: RODRIGUES FILHO, Nelson (org.). *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense - Crônicas*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002, pp. 39-41. Todas as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues foram organizadas em livro *post-mortem* de acordo com os interesses editoriais de cada momento. Constam desse artigo os principais livros do autor nesse gênero publicados mais recentemente. O *Jornal dos Sports* era de propriedade do irmão de Nelson Rodrigues, Mário Filho. Além disso, publicou crônicas de futebol em diversas revistas e jornais, tais como: *O Globo*, *Manchete*, *Manchete esportiva*, *Fatos & Fotos*, *Realidade* e *Revista brasileira de relações públicas*.

⁵ ARRIGUCI Júnior, Davi. “Fragmentos sobre a crônica”. In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo, Cia. das Letras, 1985, p. 53.

⁶ RODRIGUES, Nelson. *A menina sem estrela - Memórias*. São Paulo, Cia. das Letras, v. 6, 1993, p. 70. [original de 1967].

⁷ *Ibid.*, p. 69.

⁸ Id. *Flor de obsessão - As 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Organização e seleção de CASTRO, Ruy. São Paulo, Cia. das Letras, v. 12, p. 98. A citação completa da frase é: “O teto da nossa ficção é a classe média. Se pedirmos ao nosso romancista uma grã-fina, ele não saberá recriá-la”.

⁹ RAHL, Leda e RENATO, Carlos. Luzes da cidade. *Última hora*, 4/9/1956, caderno 2, p. 5.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Id. *Última hora*, 5/9/1956, caderno 2, p. 7.

¹² Id. *Última hora*, 6/9/1956, caderno 2, p. 5.

¹³ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver - Memórias de um repórter*. 15 ed. Rio de Janeiro, Record, 1993, pp. 151-152 [original de 1980].

¹⁴ MARZULLO, Elza. Elegância e beleza - Você tem bom gosto? *O cruzeiro*, 7/2/1953, p. 95.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo, SENAC/Boitempo, 1999. Cabe chamar a atenção ao fato de que a autora, nesse livro, acredita demasiadamente no discurso normativo e, conseqüentemente, reitera a hegemonia do “moderno” como discurso ideológico, mesmo reconhecendo se tratar do restrito universo das camadas mais elitizadas da cidade de São Paulo.

¹⁷ TERESA, Maria. Da mulher para a mulher - Nunca é errado. *O cruzeiro*, 21/2/1953, p. 111.

¹⁸ MORRIS, Vera. Conselho às mães. *Última hora*, 20/9/1956, caderno 2, p. 4.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Última hora*, 3/3/1955, caderno 1, p. 7.

²¹ *Última hora*, 6/7/1954, caderno 2, p. 2.

²² *O cruzeiro*, 8/1/1953, p. 69.

²³ *O cruzeiro*, 19/5/1956, p. 45.

²⁴ LORRAINE, Jeanne. Etiqueta. *O cruzeiro*, 3/4/1954, p. 82.

²⁵ *O cruzeiro*, 13/4/1955, p. 54.

²⁶ “Conselhos úteis”. *Última hora*, 25/9/1956, caderno 2, p. 4.

²⁷ MARZULLO, Elza. Elegância e beleza - Afaste a tristeza e o cansaço. *O cruzeiro*, 5/1/1955, p. 49.

²⁸ *O cruzeiro*, 20/4/1957, p. 57.

²⁹ *O cruzeiro*, 26/5/1956, p. 2.

³⁰ “Técnica de uma massagem facial”. *Última hora*, 26/3/1955, caderno 2, p. 8.

³¹ “O modo de andar também revela a personalidade”. *Última hora*, 10/12/1957, última página do tablóide feminino.

³² MARZULLO, Elza. Elegância e Beleza - A voz: elemento de sedução. *O cruzeiro*, 20/4/1957, p. 113.

³³ Id. “Se tem a cintura grossa”. *O cruzeiro*, 15/1/1955, p. 49.

³⁴ TERESA, Maria. “Da mulher para a mulher”. *O cruzeiro*, 19/5/1956, p. 93.

³⁵ Esse conceito tornou-se lugar-comum nas ciências sociais como crítica ao período da ditadura militar e ao “milagre econômico” dos anos 1970. Para OLIVEIRA, Francisco de, a “modernização conservadora” se caracteriza por “uma revolução produtiva sem revolução burguesa”. In: *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003, p. 131.

³⁶ Pelo menos essa é a “versão” da história para CARDOSO, Fernando Henrique e FALLETO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973 [original de 1966-1967].

³⁷ Id. 9. *Pouco amor não é amor - Contos*. São Paulo, Cia. das Letras, pp. 69-70. Esses contos não têm títulos específicos e foram publicados em livro numerados de 1 a 28. [original de 1953]

³⁸ *Ibid.*, p. 75.

³⁹ As peças de Nelson Rodrigues dos anos 40 caracterizam-se pela presença de famílias de elite como personagens principais e os enredos se desenvolvem sempre no espaço doméstico e/ou familiar onde as ações dramáticas ganham um peso de conflito existencial e irresoluto aprofundando o clima de desespero, asfixia, angústia e solidão. Sobre o significado histórico desses elementos nas peças do dramaturgo do período em questão, consulte a primeira parte da minha tese intitulada: *Nelson Rodrigues: moderno?*

⁴⁰ *Ibid.*, pp. 118-119.

⁴¹ Id.. “A cusparada metafísica”. In: CASTRO, Ruy (org.). *À sombra das chuteiras imortais - Crônicas de futebol*. Organização e seleção de CASTRO, Ruy. São Paulo, Cia. das Letras, v. 4, 1993, pp. 31-32. A crônica foi originalmente publicada na revista *Manchete esportiva*, em 9/11/1957.

⁴² RODRIGUES, Nelson. “Complexo de vira-latas”. In: *À sombra das chuteiras...* op. cit., pp. 51-52. Publicado originalmente em *Manchete esportiva* no dia 31/5/1958, sendo a última crônica do autor antes da estréia do Brasil na Copa de 1958, na qual se sagrou campeão mundial pela primeira vez.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ Id. “É chato ser brasileiro”. In: *À sombra das chuteiras...* op. cit., p. 61. Publicado originalmente em *Manchete esportiva* em 12/7/1958.

⁴⁵ RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização e seleção de CASTRO, Ruy. São Paulo, Companhia das Letras, v. 8, 1994 [original de 1976 em *O Globo*].

⁴⁶ *Ibid.*, p. 179.